CAPÍTULO 3.5.

Nas capas de O Globo a construção imagética da primeira presidenta no poder

On the covers of O Globo the imagery construction of the first president in power

Tatiana Scali ABRITTA^{173.)}

Resumo

O século XX testemunhou a emergência da mulher no protagonismo da luta por direitos políticos, equidade de direitos civis e econômicos e o controle de seus corpos. Apesar da emancipação da mulher, no bojo da cultura visual a representação imagética seguiu como entrave à identidade feminina. Ainda hoje, primeiro quartel do século XXI, num cenário político e social de desigualdades de gênero é um ruído e tanto para as estruturas machistas do poder político que uma mulher tenha sido eleita e reeleita presidenta da República do Brasil. E é a partir da narrativa de fotografias de Dilma Rousseff como ministra, como candidata e depois como presidenta da República no exercício do poder nas capas do jornal, O Globo, que o presente trabalho tem como objetivo analisar essas imagens e compreender a manipulação das questões de legitimidade e gênero na figura da presidenta.

Palavras-chave: Dilma Rousseff, representação, gênero, fotojornalismo

Abstract

The 20th century witnessed the emergence of women in the fight for political rights, equity of civil and economic rights and the control of their bodies. Despite the emancipation of women, in the midst of visual culture, imagery representation continued as an obstacle to female identity. Even today, in the first quarter of the 21st century, in a political and social scenario of gender inequalities, it is quite a noise for the macho structures of political power that a woman has been elected and re-elected president of the Republic of Brazil. And it is from the narrative of photographs of Dilma Rousseff as minister, as candidate and later as president of the Republic in the exercise of power on the covers of the newspaper, O Globo, that this work aims to analyze these images and understand the manipulation of issues of legitimacy and gender in the figure of the president.

Keywords: Dilma Rousseff, representation, genre, photojournalism

¹⁷³⁾ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil: E-mail: tatiscaliabritta(at)yahoo(dot)com(dot)br



1. Introdução

A sociedade brasileira no início do século XXI viveu a experiência de eleger democraticamente a primeira mulher, Dilma Vana Rousseff, para ocupar o cargo da presidência da República. Nesse mesmo período, esse feito histórico ocorreu em outros países da América do Sul, em que também foi possível testemunhar a chegada de duas outras mulheres ao cargo máximo de exercício de poder de seus países, a médica chilena Michelle Bachelet e a advogada argentina Cristina Kirchner. Cada uma delas protagonizou inclusive o feito da reeleição, Bachelet cumpriu mandatos de 2006 a 2010, e de 2014 a 2018; Kirchner de 2007 a 2011, e de 2011 a 2015; e Rousseff de 2010 a 2014, e de 2015 a 2016.

A conquista histórica dessas mulheres políticas provocou também efeitos sem precedentes ao sistema político vigente, o que consequentemente produziu um novo paradigma. No caso brasileiro, especificamente, como fazer a cobertura fotojornalística sobre a ascensão e o governo de uma mulher, no caso, Dilma Rousseff na presidência de seu país. E seria necessário adequar à cobertura foto-jornalística inaugurando uma nova forma para se registar, enquadrar e narrar o exercício do poder por uma mulher? A presidenta receberia o mesmo enquadramento imagético dado pela imprensa escrita aos presidentes homens que até então chegaram ao poder? Como sua imagem pública seria construída através da narrativa das fotografias estampadas nas capas de um dos grandes jornais de circulação nacional, O Globo?

2. O jornal O Globo e sua participação na vida política e memória social do Brasil

O periódico carioca, O Globo, foi fundado em 1925 pelo jornalista Irineu Marinho. Após alguns anos do falecimento de seu fundador, seu filho Roberto Marinho, assumiu o comando do jornal. No decorrer de quase oito décadas, Roberto construiu um império das comunicações, verdadeiro oligopólio midiático, o Grupo Globo, que opera em vários segmentos econômicos. Faz-se importante ressaltar como uma empresa jornalística familiar, tem sua ascensão e consolidação como um poder simbólico, econômico, político e cultural atuante na história contemporânea e memória do país. Esse empreendimento comunicacional sustentou durante toda sua trajetória até os dias atuais, um discurso de que produzem informação de modo equânime.

Entretanto, o jornal O Globo é conhecido por participar de momentos decisivos da história política brasileira, como em 1964 no famoso editorial de capa em que saudava o Golpe Militar, dentre outros eventos. Segundo dados do IVC – Instituto Verificador de Comunicação -, que é responsável pela auditoria dos principais jornais e revistas do Brasil e, por consequência, a principal referência nesse segmento, além de auditoria de web sites, o jornal *O Globo* de 2011 até 2016 permaneceu classificado como jornal impresso com a segunda maior circulação do Brasil.

Cabe ressaltar que a influência do periódico do Grupo Globo não está restrita apenas a esse meio de comunicação. Como o sistema de comunicação brasileiro, permite a existência da propriedade cruzada da mídia. O Grupo Globo constitui-se como o maior conglomerado de mídia de país, possuindo canais de televisão aberta, via satélite e a cabo, emissoras regionais afiliadas em todos os estados, rádios FM e AM, jornais, revistas, uma editora e o G1- portal noticioso da internet no Brasil. Dessa maneira, o que foi por ele publicado também foi veiculado nos demais meios de comunicação da família Marinho.

De acordo com Abreu (2017), "o papel da mídia é selecionar ocorrências e levá-las ao conhecimento do público. A mídia hierarquiza e atribui importância, valor e pertinência a um acontecimento que ela torna público. Um acontecimento público seria o resultado de uma construção da mídia" (Abreu, 2017, p. 64). O jornal *O Globo*, ao praticar o jornalismo cidadão (Barbosa, 2007), ou jornalismo de informação, adotou a construção de acontecimentos em sua "práxis" jornalística promovendo ou inibindo ocorrências de serem informadas ao público.

Por se tratar de um dos veículos de comunicação do oligopólio midiático da família Marinho, o que o jornal publica é repercutido no canal de televisão Rede Globo, na rádio Globo, no *site* do G1. Assim, paulatinamente, vão legitimando a narrativa e moldando o imaginário da sociedade num processo midiatizado, que acompanha o desenrolar de acontecimentos que até certo ponto pode formatar a opinião pública, ensinando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido ou ressignificando para os interesses do Grupo Globo, acionistas e empresas anunciantes.

Ao se analisar a história e o manual de práxis jornalística do jornal *O Globo*, e a ativa participação nas disputas políticas, sociais e econômicas na história do país, seja nos bastidores ou através das fotografias de capa do jornal e seus editoriais, repercutido nos demais veículos de informação do oligopólio midiático da família Marinho, percebe-se que o Grupo Globo representa e pratica a ideologia das classes dominantes e cumpre um papel de grande relevância na formação da opinião pública da sociedade brasileira.

3. Dilma Rousseff, a representação da mulher politicamente perigosa

Na história recente do Brasil, mais especificamente falando da Nova ou Terceira República, após 25 anos em que se cumpriram mandatos presidenciais masculinos, uma mulher foi eleita democraticamente para Presidenta da República. Retrocedendo no tempo em toda a história republicana nacional para se analisar esse feito, 120 anos (naquele ano de 2010), este se torna ainda mais notável. Um feito histórico. Foi eleita em 31 de outubro de 2010 com 55.752.529 votos concorrendo pelo Partido dos Trabalhadores. Em 2008, quando ainda era ministra do governo Lula, e seu nome estava incluído em pesquisas de intenções de voto, "era tratada quase como piada por boa parte dos políticos e analistas, [...] que seria como tentar eleger um poste" (Amaral, 2011, p. 176).

De fato, naquele momento, Dilma Rousseff não era conhecida pela população brasileira, mas estava muito longe de ser um poste. A então ministra do governo possuía uma relevante biografia política cuja trajetória se iniciava ainda na juventude como estudante secundarista. Atuou na luta e resistência contra o regime militar, sobreviveu a ignominiosa tortura e ao cárcere político. Reconstruiu sua vida em Porto Alegre na década de 1970, onde se formou em economia pela UFRGS, participou do movimento pela Anistia, foi uma das fundadoras do PDT, assessora parlamentar e teve uma carreira na burocracia estatal no Rio Grande do Sul. Rousseff foi muitas vezes apresentada pelos meios de comunicação como um mero quadro técnico do governo Lula sem experiência política alguma, o que contradiz com sua biografia.

Quanto a sua representação imagética, Dilma Rousseff enquanto ministra de Estado, e presidenta do Brasil esteve presente nas páginas internas e capas do periódico O Globo desde janeiro de 2003. Dessa maneira, foi possível aferir quais características foram atribuídas à Dilma Rousseff e em que período - quando esteve à frente dos ministérios de

Minas e Energia e da Casa Civil enquanto sua imagem pública estava sendo construída pelos jornais antes de ser eleita presidenta, além das mudanças em seu visual que foram feitas antes das eleições de 2010.

Esse processo de construção de imagem pública foi analisado por Leila Bárbara e Maria Carmem Aires Gomes (2013) no artigo *A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais*. As autoras analisaram como a mulher política que se tornaria a primeira presidenta eleita foi representada através de processos verbais na mídia, do que falavam sobre a mulher política em questão, e ainda do que Dilma dizia sobre si mesma. E concluíram que,

Muitas vezes, essas opiniões se associam não às características sócio - culturais tradicionalmente atribuídas à mulher (doação, sacrifício e afetividade), mas à do homem (competição, luta e racionalização/tecnicismo) e talvez seja esse deslocamento que cause estranhamento àqueles que a representam como uma mulher política austera, reforçando a imagem da mulher-política combatente, 'sargentona', mandona, chefe.

Sensibilidade, ternura, emoção, pureza não surgem como atributos e qualificadores da "natureza" feminina de Dilma Rousseff-ministra, mas sim traços de rispidez, austeridade e agressividade, caracterizando uma imagem de sujeito-político-mulher, com potencialidades masculinas (Gomes, 2013, p. 76).

O discurso midiático analisado pelas autoras, associado ao fotojornalismo, se mostra afinado na construção da representação imagética de Dilma Rousseff, ao se analisar as imagens produzidas da ministra. Não se pode ignorar que já havia uma narrativa construída sobre a imagem da mulher política antes de sua eleição e reeleição à presidência da República.

Essa narrativa imagética, é o resultado da linguagem fotojornalística, que se caracteriza pela obtenção de imagens espontâneas, singulares ou informais de acontecimentos como batalhas, protestos, desastres.Como o controle que o fotógrafo tem sobre o desenrolar das ações, sobre as circunstâncias ou sobre a luminosidade é mínimo, exige-se dele um alto grau de perceção ao momento decisivo, como o chamou Henri Cartier-Bresson, ou linguagem do instante (Sousa, 2000). Foi através do fotojornalismo que aconteceu a descoberta da fotografia como meio de comunicação e "à ilusória crença de que a câmera não mente, ou seja, que de algum modo ela representava a verdade real" (Hobsbawm, 2009, p. 191).

Por sua potência e capacidade de criação de narrativas visuais, o fotojornalismo, tem um papel de protagonista na história política contemporânea do Brasil. Essa força de criação, enquadramento e desconstrução na elaboração de imagens de governantes masculinos atravessou o século XX e permanece atuante no século XXI. Porém, e quando se trata da primeira mulher Presidenta do país? Como se comportou um dos maiores jornais de circulação nacional, O Globo? Que fotojornalismo foi produzido da representação imagética acerca de uma mulher exercendo o poder na esfera mais alta de comando do país?

Nas páginas internas do jornal *O Globo*, em 19 de janeiro de 2003, no caderno de economia, trazia uma matéria destinada a traçar o perfil da ministra de Minas e Energia, numa

entrevista obtida por telefone e que utilizou fotografias de um outro momento de Dilma. Na escolha das fotografias para a matéria, Dilma Rousseff aparece como uma ministra austera, a gestora mandona. Ainda estava no início do primeiro governo Lula e a representação imagética já estava ajustada ao discurso da mulher-política combatente que foi sendo reafirmado no decorrer dos anos.

Aqui a palavra precedeu a representação imagética na elaboração que se deu através da cobertura fotojornalística de Dilma Rousseff. Nesse caso específico, foi através da palavra guerrilheira, mais precisamente ex-querrilheira. Esta foi a representação que, por meio da palavra, marcou o início da construção de sua imagem pública. A representação que ecoava de seu passado militante contra a Ditadura Militar.

A representação da guerrilheira, ou da mulher "politicamente perigosa" (Pinsky, 2016, p. 539) que emergiu nos anos 1970, e foi atualizada em Dilma quando ela recebeu o convite para comandar o Ministério de Minas e Energia. A imagem da ex-presa política, querrilheira ou terrorista para os agentes da Ditadura esteve presente antes mesmo da ficha falsa do DOPS ser publicada na capa da Folha de S. Paulo no ano de 2009. Em 2003, logo quando tomou posse no ministério, o jornal O Globo publicou uma matéria com uma entrevista com a ministra. O título da matéria: O poder de fogo de uma ex-guerrilheira; as imagens utilizadas na matéria eram de Dilma durante seu discurso de posse, e não da entrevista que havia sido concedida pelo telefone.



Figura 38. Dilma Rousseff ministra de Minas e Energia. Caderno de Economia do jornal O Globo Fotógrafo: Marco Antônio Teixeira (03/01/2003). Data: 19/01/2003

A partir do gestual capturado pelo fotojorsua nalista característica na instantâneo e nas opções dos ângulos escolhidos, as imagens da ministra em sua linguagem corporal de gesticular livremente e sua expressividade facial marcante enquanto falava foi uma fonte inesgotável para novas fotografias que permitiram essa inferência com a mulher combativa, destemperada, a guerrilheira.

A representação da guerrilheira, ou da mulher "politicamente perigosa" (Pinsky, 2016, p. 539) que emergiu nos anos 1970, e foi atualizada em Dilma guando ela recebeu o convite para comandar o Ministério de Minas e Energia. A imagem da ex-presa política, guerrilheira ou terrorista para os agentes da Ditadura esteve presente antes mesmo da ficha falsa do DOPS ser publicada na capa da Folha de S. Paulo no ano de 2009. Em 2003, logo quando tomou

Fonte: Acervo O Globo - 19/01/2003 - Acesso: 15 abril 2019174.)

^{174,)} https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Dilma+ministra+de+minas+e+energia



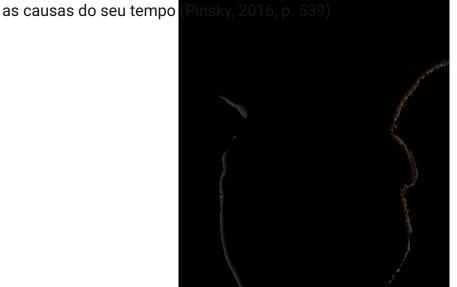
posse no ministério, o jornal O Globo publicou uma matéria com uma entrevista com a ministra. O título da matéria: O poder de fogo de uma ex-guerrilheira; as imagens utilizadas na matéria eram de Dilma durante seu discurso de posse, e não da entrevista que havia sido concedida pelo telefone.

A partir do gestual capturado pelo fotojornalista na sua característica do instantâneo e nas opções dos ângulos escolhidos, as imagens da ministra em sua linguagem corporal de gesticular livremente e sua expressividade facial marcante enquanto falava foi uma fonte inesgotável para novas fotografias que permitiram essa inferência com a mulher combativa, destemperada, a guerrilheira.

Nos anos de 2009 e 2010, Jakson Alencar (2012) aferiu que no jornal Folha de S. Paulo as características atribuídas, naqueles anos respectivamente a Dilma Rousseff foram de uma mulher de diversas caras, devido à intervenção estética e ao tratamento contra o câncer, e uma candidata sem preparo para os debates, em diversas matérias publicadas sobre Rousseff. O que induzia os leitores a identificarem na imagem de Dilma uma ministra, candidata e política inconsistente, volúvel e despreparada para governar.

Aqui se faz necessário pontuar e analisar a relação entre a manchete e a mensagem fotográfica. Jorge Pedro Sousa (2000) analisa que "para se abordar o fotojornalismo tem-se que pensar numa combinação de palavras e imagens" (Sousa, 2000, p. 11), considerando-se que as primeiras devem complementar as segundas contextualizando-as nessa elaboração. O caráter foto jornalístico da fotografia é a notícia: "o texto jornalístico – seja ele textual, ou visual – reconta a realidade através de um formato próprio, organizando os acontecimentos e transformando-os em informação e notícia" (Tavares & Vaz, 2005, p. 129). Para além de relatos corriqueiros, as notícias produzidas numa empresa privada jornalística, como O Globo, são o resultado final de um processo que compreende um jogo de disputas e negociações.

Esse jogo de disputas que envolve a construção da imagem pública de Dilma Rousseff, que ficou marcado pela associação em 2003 da então ministra como ex-guerrilheira no jornal *O Globo*, dialoga diretamente com o passado de militante política contra a Ditadura desconhecido pela sociedade. Ao utilizar o termo ex-guerrilheira o periódico atualizava em Dilma a representação da mulher politizada, e por isso mesmo, perigosa. De acordo com a historiadora Carla Pinsky, foram as militantes do campo político da esquerda que combateram a Ditadura assim como o capitalismo e que na década de 1980 se engajaram, nas lutas pela "igualdade na diferença", pela maior penalização da violência sexual, pelo fim das discriminações, contra o aumento do custo de vida e a favor da democracia e meio ambiente trouxeram luz a figura da "mulher politiza da", comprometida com





A representação original da mulher politicamente perigosa fora forjada pela Ditadura civil militar ao constranger para a clandestinidade forçada através do Al-5, todas e todos que se opunham ao regime^{175.)}. E ao capturar os inimigos políticos, produzir uma documentação também imagética dos miesmos. Nesse sentido, a fotografia de Dilma Rousseff, produzida pelos agentes da Ditadura na ficha do DOPS – Departamento ou Delegacia de Ordem Política e Social, pertence ao *gênero mugshot*, que numa tradução livre do inglês seria retrato falado ou foto de ficha policial. Os registos fotográficos, *mugshot*, atendiam a função de "fichar, documentar e condenar os resistentes políticos" que com o transcorrer do tempo e da memória coletiva da ditadura se materializariam na prova irrefutável que comprovariam todos os crimes praticados pelos militares.

Entretanto, quando O Globo traz em sua manchete, O poder de fogo de uma exguerrilheira, a foto de Dilma Rousseff como presa política era desconhecida da maior parte da população. Por isso, o jornal atualiza a representação da mulher politicamente perigosa. Essa imagem só iria se tornar conhecida em 2009, quando o jornal Folha de S. Paulo publicou em sua capa uma ficha do DOPS atribuída à ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. A ficha trazia em seu conteúdo uma diversidade de ações armadas que ela e as organizações clandestinas de esquerda às quais pertencera haviam praticado. E ilustrava uma reportagem a respeito da atuação da VAR-Palmares em 1969, cujo título propiciava a inferência de que a ministra seria partícipe ou uma das mandantes: Grupo de Dilma planejava sequestrar DelfimNetto, que fora ministro nos governos dos generais ditadores, Costa e Silva, Médici e Figueiredo.

Segundo Ricardo Amaral (2011), a ministra chefe da casa civil entrou em contato com o jornal contestando a matéria e afir-



Figura 39. O 'mugshot' ou fotografia de ficha policial de Dilma Rousseff no DOPS

Fonte: Acervo O Globo – 19/01/2003 - Acesso: 15 abril 201176.)

⁷⁷⁶⁾ Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dilma-rousseff/



¹⁷⁵⁾ O Al-5, Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, foi um conjunto de 17 decretos ou atos institucionais implementados pela ditadura militar do Brasil (1964-1985). E vigorou por uma década. "O documento contava doze artigos e vinha acompanhado de uma Ato Complementar nº38 que fechava o Congresso Nacional por tempo indeterminado. O Al-5 suspendia a concessão de habeas corpus e as franquias constitucionais de liberdade de expressão e reunião, permitia demissões sumárias, cassações de mandatos e de direitos de cidadania, e determinava que os julgamentos de crimes políticos fossem realizados por tribunais militares, sem direito a recurso. [...] O Al-5 era uma ferramenta de intimidação pelo medo, não tinha prazo de validade" (Schwarcz & Starling, 2018, p. 455).

mando se tratar de uma ficha falsa. A Folha de S. Paulo cerca de duas semanas após o episódio reconheceu ter se equivocado ao publicar documentos que haviam sido recebidos via e-mail, mas não reconheceu que se tratava de uma fraude. "Autenticidade da ficha de Dilma não é provada" foi o título da retratação (Amaral, 2011, p. 188) afirmando que não podiam assegurar o conteúdo da ficha, mas também não seria possível rechaçar a mesma - ainda que o material recebido pelo jornal tivesse sido periciado por duas equipes da Unicamp e da Unb e que ambos os laudos atestassem que se tratava de uma fraude ordinária e havia sido produzida a partir de computação gráfica.



Figura 40. Na capa do jornal Folha de S. Fonte: Acervo Folha de S. Paulo – Paulo, de 5 de abril de 2009, uma ficha do 05/04/2009^{177.)}

DOPS atribuída à ministra Dilma Rousseff

A ficha falsa trazia fotos reais de Dilma do período de sua prisão política, e fazia parte do conteúdo de um site chamado Ternuma – Terrorismo Nunca Mais. O site foi criado por um grupo de militares e civis frequentadores do Clube Militar do Rio de Janeiro. Que é mais um, dentre outros grupos descontentes com a narrativa histórica e jornalística sobre o governo militar após o fim da Ditadura. Tentam reescrever a história e a memória social do período refutando todos os depoimentos, relatórios, livros, documentários e documentos sobre torturas e desaparecimentos de opositores do regime, corrupção e demais índices de fracasso econômico e baixos índices do desenvolvimento em que os militares entregaram o Brasil à sociedade civil. Acusam a mídia, partidos de esquerda e movimentos sociais de denegrirem a imagem das Forças Armadas perante a população brasileira. Eles seriam os verdadeiros representantes da democracia - os opositores é que tentaram impor uma ditadura comunista no país.

¹⁷⁷³ Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17863&keyword=PAULO&anchor=5198296&origem=busca&originURL



Cabe ressaltar a discrepância entre a ficha falsa produzida por defensores da Ditadura Militar do site Ternuma e a ficha original do DOPS, bem como a óbvia intenção de macular o passado de Dilma Rousseff. Enquanto a falsificada traz a fotografia de Dilma após sua prisão e tortura na Oban, a ficha verdadeira apresenta fotografias de Dilma como uma jovem moça de classe média como tantas de sua geração. Essas fotos guardam o trabalho de investigação da repressão sobre a jovem militante obrigada a viver na clandestinidade sob diversas identidades falsas.

Com a ficha falsa seria possível legitimar perante a opinião pública uma prisão política e colocar em questão a veracidade do testemunho sobre a tortura de uma inimiga do regime identificada como perigosa terrorista. Segundo Jakson Alencar (2012), a ficha falsa produzida pelo grupo Ternuma, antes de ganhar destaque na ca-

pa do jornal Folha de S. Paulo, já circulava em sites e correntes de e-mails apócrifos.

De acordo com Maria Claudia Badan Ribeiro (2018), a representação do estereótipo do guerrilheiro pressupõe armas em punho. O que não existe nas fotografias de Dilma Rousseff no contexto da Ditadura Militar e em nenhum outro. Dilma fez parte da direção das organizações clandestinas de esquerda nas quais atuou primeiramente no setor de comunicação, produzindo jornais e mantendo contato com sindicatos. E depois na reestruturação das organizações políticas clandestinas em que foi liderança, e ainda no campo da inteligência planejando ações para levantar fundos. Ela também recebeu treinamento paramilitar no exterior e aprendeu a manipular armamentos, mas devido a miopia rigorosa nunca atuou em ações armadas como assaltos a bancos e sequestros.

Há uma peculiaridade nas maneiras encontradas por mulheres brasileiras ao resistir e combater a repressão. Em sua pesquisa, Ribeiro (2018) identificou que durante a Ditadura houve diversas formas de militância política,



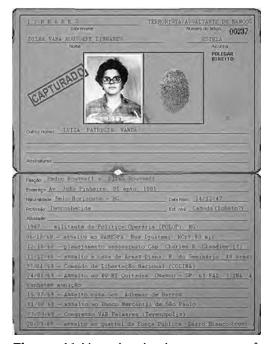


Figura 41.Na primeira imagem se vê uma foto de Dilma jovem, na ficha verdadeira no acervo da Comissão Estadual da Verdade de MG. Ao lado, a ficha falsa produzida pelo site Ternuma

Fonte: Divulgação COVEMG/MG e Blog Transparência Política/ reprodução – 11/03/2011**178.**)

-

^{178]} Disponível em: https://noticias.r7.com/minas-gerais/veja-fotos-das-fichas-de-dilma-e-pimentel-na-ditadura-militar-13122017 e https://www.terracom.br/noticias/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de- campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html

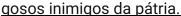
que apontam "para a existência de uma complexa rede de oposição à ditadura civil-militar tecida por mulheres" (Ribeiro, 2018: 14). Mulheres que no campo oposto ao da vanguarda da guerrilha, urbana e rural, também escaparam do estereótipo do guerrilheiro. Elas atuaram tanto como membros das organizações políticas clandestinas de esquerda, quanto como simpatizantes da causa e quase foram apagadas nos registos históricos do período.

Ao produzirem uma ficha falsa de Dilma Rousseff como uma perigosa guerrilheira, que foi publicada na capa de um dos grandes jornais brasileiros, havia a intenção associar a imagem da ministra ao status de criminosa. Exatamente num período que se avizinhava das eleições presidenciais.

A imagem de Dilma Rousseff, na ficha falsa do DOPS, condensada apenas no seu mugshot, enfeixa em si a representação da transgressão e da ousadia de enfrentar a Ditadura e toda uma cultura conservadora patriarcal, os valores defendidos pelo regime. Isso também potencializou o medo e o ódio dos agentes da repressão que empregaram a barbárie da tortura para aniquilar as organizações políticas de esquerda, a luta armada e a dignidade daquelas que atreveram a interferir nos rumos políticos do país.

Em 2014 a fotografia do tipo *mugshot* da ficha criminal de Dilma Rousseff dos arquivos do DOPS foi reapropriada e ressignificada em sua campanha à reeleição. A imagem e a própria ficha falsa forjada pelo grupo Ternuma foi incorporada no vídeo com o jingle da campanha, Dilma Coração Valente. O fato foi inclusive noticiado pela imprensa na época.

A campanha de Dilma incorporou no seu repertório imagético o desenho do artista Sattu Rodrigues que se inspirou na fotografia e fonte primária (Kossoy, 2014) da ficha do DOPS de Rousseff. A imagem de Rodrigues, fonte secundária (Kossoy, 2014), transformou-se num *avatar* da campanha de Dilma nas redes sociais como a identidade da presidenta no meio digital. Ao utilizar a imagem da idealista Dilma Rousseff na juventude, durante o cárcere político, a campanha ressignificou a ficha falsa que reforçava o discurso da Ditadura de que os inimigos do regime seriam terroristas, guerrilheiros peri-





foram criados dezenas de avatares que geraram um orado e da militância com Rousseff e seu passado de A partir do avatar e todas as suas variáveis, a militântraterial de campanha, camisetas e bandeiras, além es sociais. Homens e mulheres de todas as idades, ao e sua trajetória pessoal de luta, podiam ter a impressoals da candidata, sua altivez nas fotografias do impanha, promoviam não apenas identificação, mas aspirações em comum de todas as gerações e



4. A primeira presidenta nas capas de O Globo

Enquanto presidenta, Dilma Rousseff esteve presente por 181 vezes nas capas do jornal *O Globo* no decorrer do primeiro e segundo mandato. Essas imagens durante a realização da pesquisa para a dissertação de mestrado foram agrupadas a partir de elementos e padrões que se repetem nas fotografias de acordo com o método histórico-semiótico utilizado por Ana Maria Mauad (2005).



Figura 42. Avatar da campanha de Dilma Rousseff à reeleição em 2014

Fonte: Muda Mais - 22/10/2014 - Acesso: 09 julho 2020179.)

Essas séries possibilitam ver, no conjunto, os temas e os sujeitos que são recorrentes ou que estão ausentes nas fotografias. As imagens são apreendidas como imagens-testemunho (Burke, 2016); elas, ao serem interrogadas como evidências históricas. contribuem para uma análise em que o acontecimento é apreendido em toda sua espessura política, social e cultural (Vovelle, 1997). "A imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir dela" (Vovelle, 1997, p. 31); dessa forma, as fotografias de capa de O Globo, não apenas narram o exercício de poder da presidenta, como também constroem e desconstroem sua imagem pública e sua legitimidade para o exercício do cargo no comando do país.

A categoria de fotografias de capa do jornal *O Globo* "Dilma se transforma em outra coisa" não foi encontrada na análise de imagens pelos elementos que se repetem (Mauad, 2005). A imagens aqui selecionadas são categorizadas pelo que as imagens produzem em termo de representação sobre a presidenta Dilma Rousseff. Essas duas fotografias estão em ordem cronológica para que se observe como a imagem da presidenta ao longo dos anos foi, num crescente, sendo construída e desconstruída. Observa-se como as características a ela atribuídas desde os tempos de ministra do governo Lula são levadas ao extremo num processo de violência política nunca visto com homens que ocuparam o cargo, até aniquilar sua legitimidade e humanidade.

A fotografia de capa dessa série é do dia 06/10/2012, figura 42, quando Dilma Rousseff aparece sozinha numa exposição de obras do pintor italiano Caravaggio no Palácio do

Disponível em: https://www.facebook.com/pg/mudamais/otos/?ref=page_internal



Planalto admirando a pintura Medusa Murtola. A cena era uma oportunidade, ou momento decisivo (Sousa, 2000), perfeito para o fotojornalista. Ao olhar para a pintura, o escudo ganha o sentido de um espelho, e Dilma transforma-se em outra coisa: na Medusa decapitada. Mary Beard (2018) afirma que Dilma Rousseff não foi a única ou a primeira mulher política a sofrer essa comparação. "O rosto de Angela Merkel foi inúmeras vezes superposto à imagem de Caravaggio" (Beard, 2018, p. 80), assim como Theresa May, primeira ministra do Reino Unido e a ex-Secretária de Estado Hillary Clinton, quando se candidatou à presidência dos EUA. Como se percebe, "transformar", ou desconstruir Dilma Rousseff em Medusa, não perpassa por uma questão política ideológica de o jornal] ser contrário ao da presidenta. Trata-se fundamentalmente de uma questão de gênero: Merkel e May são de partidos políticos conservadores de direita e Hillary Clinton é uma liberal de direita, e receberam o mesmo tratamento imagético violento.

Beard (2018) ressalta que a decapitação da Medusa permanece até os dias atuais como um "símbolo cultural da oposição ao poder feminino" (Beard, 2018, p. 80). Para Peter Gay (1988), no decorrer da história, as representações do medo da mulher assumiram diversos formatos, como o da Medusa, que sempre esteve associada pelo simbolismo da decapitação à castração pelos "perigos que ela representa para a virilidade do homem" (Gay, 1988, p. 150), pois os "direitos pretendidos pelas mulheres equivaliam à mutilação dos homens" (Gay, 1988, p. 155). Mulheres poderosas sempre foram vistas como perigosas desde o século XIX pelo homem burguês vitoriano (Gay, 1988), e essa mentalidade patriarcal ainda vigora na classe alta e nas classes médias (López & Weinstein, 2012). Logo, Dilma Rousseff foi transformada na própria Medusa pelo fotojornalista e estampou a capa do jornal]. Sua eleição representava em todos os sentidos uma ameaça aos homens políticos que sempre ocuparam e controlaram o acesso de mulheres ao espaço político.

A última capa dessa série fotográfica é do dia 20/02/2016, figura 43, quando Dilma Rousseff recebe, no Palácio da Alvorada, o patriarca Kirill, da Igreja Ortodoxa Russa - informa a legenda de letras pequenas abaixo da foto. Essa foto alcança um alto nível de violência política de gênero, pois o corpo feminino da presidenta parece desconfigurado, seccionado ou metamorfoseado. Por meio da fotografía, Dilma finalmente se transforma por completo em outra coisa. O ângulo escolhido pelo fotógrafo e a sobreposição da silhueta do líder religioso com sua peculiar indumentária, à silhueta de Dilma Rousseff constrói uma outra figura. A expressão facial no rosto da presidenta caminhando ao ar livre no verão sendo encoberta pelo koukoulion, o cocar da indumentária tradicional do patriarca da Igreja Ortodoxa, dado que o topo do koukoulion se parece com a cúpula de uma igreja católica romana com uma cruz no alto, simbolizando o mundo cristianizado e o mal suplantado. É possível inferir que Dilma está demonizada, ou seja, que se transformou em outra coisa. As duas manchetes negativas da capa reforçam a inferência que os problemas econômicos do país e o retorno do senador Delcídio (expulso do PT ao Senado podendo implicá-la e seu governo em denúncias) é que afetavam e transtornavam a presidenta. Isso pioraria a crise política que teria desfecho com a consolidação do golpe parlamentar de 2016, afastando-a definitivamente do governo.



5. Conclusão

Verificou-se que a narrativa imagética do periódico] se realizou num crescente de violência política de gênero contra a presidenta, à medida que o Golpe de Estado caminhava para se consolidar. Nas duas últimas fotos pertencentes à categoria "Dilma se transforma em outra coisa", observa-se como com o passar do tempo, a legitimidade de Dilma não é questionada e desconstruída apenas com inferências acerca de características verbais a ela atribuídas. As fotografias vão transformando seu corpo feminino em outra coisa, até que este é completamente desfigurado.

Quanto aos novos paradigmas imagéticos criados pelo periódico sobre uma mulher exercendo o poder, constata-se que o encontrado foi uma renovação ou atualização de velhas formas de enquadrar a mulher emancipada seja no discurso da palavra escrita, seja no discurso imagético nas charges e nas fotografias como fora feito com as sufragistas e feministas da primeira onda. Ressurge na figura de Dilma, a mulher agressiva, violenta, desprovida de feminilidade, que ameaça o status quo masculino do poder. O que levanta questões quanto a real possibilidade da consolidação de um impeachment sem crime de responsabilidade, e a narrativa do mesmo, se quem estivesse ocupando o cargo da presidência da República fosse um homem. A narrativa do Golpe de Estado parlamentar de 2016 contra Dilma Rousseff, naturalizado e legitimado pelo], e diversos outros meios de comunicação ainda é sustentado como impeachment sem crime de responsabilidade. Mesmo que os diversos atores políticos que participaram do processo naépoca, venham confessando a trama ardilosa e os conchavos articulados.

Ao se considerar o papel preponderante dos veículos de comunicação como partícipes protagonistas da formatação e disseminação de visões de mundo, é possível compreender o protagonismo do jornal], na construção do acontecimento, da narra-



Figura 43 e 44. Dilma em exposição de arte; Dilma e o patriarca Kirill

Fonte: Gustavo Miranda/O Globo, 06/10/2012

- Acesso: 14 abril 2019^{180.})

Fonte: André Coelho/O Globo 20/02/2016 -Acesso: 27 abril 2019^{181.)}

¹⁹¹¹⁾ Disponível em:https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160220



¹⁸⁰¹⁾ Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020121006

tiva visual, do imaginário coletivo e da memória social do país. Principalmente por este ser integrante do oligopólio de informação do Grupo Globo, em que um meio de comunicação valida o outro, ao repercutir de modo semelhante o mesmo fato, legitimando as notícias publicadas nos diversos veículos de comunicação do grupo, buscando assegurar uma suposta imparcialidade para o público. As imagens de Dilma, produzidas pelo fotojornalismo foram fundamentais para que o jornal, que se constitui como uma entidade da classe empresarial, construísse uma imagem pública desfavorável à presidenta e favorável ao alinhamento ideológico e de classe do Grupo], opositor ao governo de Rousseff.

O presente trabalho buscou contribuir para uma compreensão a respeito da primeira presidenta do Brasil eleita democraticamente e como sua imagem pública foi construída e desconstruída num complexo processo de violência política e de gênero. Processo esse em que diferentes atores e segmentos sociais disputaram e ainda disputam a narrativa sobre sua figura, seu governo e principalmente a respeito do Golpe de Estado que a retirou do poder, ainda hoje intitulado pelo jornal], como impeachment. Mesmo que publiquem em suas páginas, impeachment sem crime de responsabilidade. Uma fórmula repetida pedagogicamente de nomear e rememorar o que pode suceder, quando uma mulher ousa ocupar o cargo máximo da política nacional, que voltou a ser ocupado e controlado por homens oriundos das velhas oligarquias.



Referências Bibliográficas

Abreu, A.A.de. (2017). Desafios da notícia: o jornalismo brasileiro ontem e hoje. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Alencar, J.F.de. (2012). A ditadura continuada: factos, factoides e partidarismo da imprensa na eleição de Dilma Rousseff.Lisboa: Paulus.

Amaral, R. (2011). A vida quer é coragem. Lisboa: Sextante.

Barbosa, M. (2007). História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad.

Beard, M. (2018). Mulheres e poder: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil.

Burke, P. (2016). Testemunha Ocular: história e imagem. São Paulo: Edusc.

Gay, P. (1988). A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.-São Paulo: Companhia das Letras.

Hobsbawn, E. (2009). A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Editora Schwarcz.

Kossoy, B. (2014). Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial.

R. López & B. Weinstein (Eds.). (2012). The Making of the Middle Class. Durham: Duke University Press.

Mauad, A. M. (2008). Foto-ícones, a história por detrás das imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas.ln A. F. Ramos, R. Patriota & S. J. Pesavento (Orgs.). Imagens na História. (pp. 197 – 212). São Paulo: Hucitec.

Tavares, F.de M.B. & Vaz, P.B.F. (2005). Fotografia jornalística e mídia impressa: formas e apreensão.Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, 27, 125–138. https:// www.redalyc.org/pdf/4955/495550183014.pdf.

Pinsky, C. B. (2016). A era dos modelos flexíveis.ln C. B. Pinsky. Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto.

Ribeiro, M.C.B. (2018). Mulheres na luta armada: protagonismo feminino na ALN.São Paulo: Alameda.

Schwarcz, L. M. & Starling, H. M. (2018). Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras. Sontag, S. (2007). Sobre Fotografia. In Na Caverna de Platão. São Paulo: Companhia das Letras

Vovelle, M. (1997). Imagens e imaginário na história. São Paulo: Ática.



